



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Junho 2022



Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

JUNHO: Pelas famílias

Rezemos pelas famílias cristãs de todo o mundo, para que com gestos concretos vivam a gratuidade do amor e a santidade na vida quotidiana.

PEREGRINAÇÃO NACIONAL

Neste ano em que a Fundação AIS Internacional celebra o seu 75º aniversário, temos a honra de convidar todos os nossos amigos e benfeitores a participar na Peregrinação Nacional que terá lugar em Fátima, dia 18 de Setembro (Domingo).

VALOR: € 18,00 por pessoa

(inclui almoço e lanche no Hotel Steyler - Praça Luís Kondor)

DATA LIMITE DE INSCRIÇÃO: 31 de Agosto

Caso esteja interessado, por favor, entre em contacto connosco:

Tel. 21 754 40 00 (de 2ª a 6ª feira, das 09h00 às 18h00)

ou **apoio@fundacao-ais.pt**

Queremos celebrar consigo. Este convite é extensível aos seus familiares e amigos.

CONTAMOS COM A SUA PRESENÇA NESTE DIA ESPECIAL!

SEMENTES DE ESPERANÇA - *Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre*

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © AIS, © Sylvain Dorient

CAPA Sagrado Coração de Jesus
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

A DEVOÇÃO AO CORAÇÃO DE JESUS NA VIDA ESPIRITUAL DOS CRENTES

A devoção das primeiras sextas-feiras foi a forma de manter viva no povo cristão a contemplação do mistério da Encarnação e a espiritualidade eucarística. Foi assim que o povo cristão cultivou o caminho mais curto e mais simples do amor. A devoção ao Coração de Jesus nada tem a ver com rigores penitenciais nem com complicados exercícios de concentração e de meditação. Tudo se reduz à simplicidade de quem ama, encurtando o caminho que conduz ao Coração, tão visível em algumas imagens de rara simplicidade e beleza. O que se revela nestas representações é o amor que não é amado. Foi assim que o Coração de Jesus se revelou a Santa Margarida Maria, quando ela se encontrava em oração diante do Santíssimo Sacramento, no dia 16 de Junho de 1675:

“Eis o Coração que tanto amou os homens, que não poupou nada

até esgotar-se e consumir-se, para testemunhar-lhes o seu amor; e, por reconhecimento, não recebe da maior parte deles senão ingratidões, por suas irreverências, sacrilégios e pelas indiferenças e desprezos que têm por Mim no Sacramento do amor. Mas o que Me é ainda mais penoso é que corações que Me são consagrados agem assim.

“Por isso, Eu te peço que a primeira sexta-feira depois da oitava do Santíssimo Sacramento seja dedicada a uma festa especial para honrar o meu Coração, comungando-se neste dia e fazendo-Lhe um acto de reparação, em satisfação das ofensas recebidas durante o tempo que estive exposto nos altares. Eu te prometo também que o meu Coração se dilatará para distribuir com abundância as influências de seu divino amor sobre aqueles que Lhe prestem culto e que procurem que Lhe seja prestado.”

A partir de então foi-se divulgando a devoção ao Coração de Jesus, que animou espiritualmente o povo cristão até ao concílio Vaticano II. Trata-se de uma devoção destinada a cristãos já avançados na vida espiritual, que desejam alcançar a perfeição da santidade. Não se situa, por conseguinte, no plano da primeira nem da segunda evangelização.

A devoção ao Coração de Jesus foi a resposta providencial aos males morais e espirituais dos tempos modernos, desde o séc. XVII em França, representados pelo rigorismo calvinista e jansenista, e pelas ideologias materialistas e ateias que têm devastado a Europa e o mundo. Hoje, neste tempo

pós-moderno do vazio e da desilusão, em que a Igreja nos mobiliza para uma nova e exigente evangelização tanto dos que estão longe, como dos que estão perto, a devoção ao Coração de Jesus será para nós a garantia e o sustento da vida espiritual e da alegria de viver e testemunhar a fé, porque é essencialmente a contemplação do mistério mais profundo do cristianismo, que se revela na ferida visível que nos permite contemplar a ferida invisível do amor: “um dos soldados perfurou-Lhe o lado com uma lança e logo saiu sangue e água” (Jo 19,34).

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj

Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:

185,180 km²

População:

18,9 milhões

Religiões:

Muçulmanos: 94,3%

Cristãos: 3,6%

Agnósticos: 2%

Outras: 0,1%

Língua:

Árabe



SÍRIA

O INTERMINÁVEL INVERNO ÁRABE

Onze anos depois do início da “revolução síria” que deveria trazer a democracia ao país, no contexto do brotar internacional das “Primaveras árabes”, o país está em ruínas. E não se reergue.

Alguns dos bairros não têm pedra sobre pedra. Os prédios pulverizados sucedem-se tristemente, testemunhas da extrema violência dos combates que sacudiram a cidade de Homs. A terceira cidade mais populosa da Síria era conhecida por abrigar uma importante comunidade cristã, que vivia em parte do comércio com o Líbano, ali ao lado. A prosperidade da cidade pertence ao passado, os habitantes de Homs sobrevivem em condições económicas miseráveis. A cidade foi, durante muito tempo, um epicentro da crise da Síria, entre 2011 e 2014, quando era denominada a “capital dos rebeldes”. Desde o princípio da guerra na Síria, em 2011,

bairros inteiros da cidade passaram a estar sob o controlo dos insurgentes. Tinham a certeza da vitória: no Magreb, no Médio Oriente e no Egito os antigos regimes militares muçulmanos viam as suas bases vacilar. Foi o tempo das “Primaveras árabes” que deviam teoricamente levar os países à democracia. A Síria, dominada pelo partido Baas, que vivia sob a direcção da dinastia Assad desde há 40 anos, parecia ser o alvo principal para a mudança social.

Oração

Para que a verdadeira “Primavera” renove esta nação arruinada pela guerra, nós Te pedimos Senhor.

Homs. Um fresco em homenagem aos mártires do bairro cristão.



UMA GUERRA PARA NADA

Sabemos o que se seguiu. Quando não foram interrompidas, as Primaveras árabes transformaram-se em Invernos islâmicos. Na Síria, arruinaram o país sem provocar qualquer evolução na situação política e em Homs os rebeldes fixaram-se na cidade, cercada pelo exército árabe sírio até 2014, antes de admitir a derrota. Sete anos depois, dir-se-ia que os combates tinham acabado na véspera. Nos bairros bombardeados, contentaram-se em desviar os escombros que cobriam as estradas para deixar passar os veículos. Mas os imóveis continuaram em escombros, como memória sinistra de uma guerra que não acaba.

No meio dos bairros despovoados, os Sírios subsistem, apesar de tudo, com uma hora de electricidade por dia e sem qualquer aquecimento. É o caso da Irmã Samia, fundadora do Sénevé, Centro de acolhimento para pessoas com deficiência mental, em Homs. Foi uma instituição que cresceu durante a guerra. Cento e cinquenta jovens aí se dirigem diariamente; eram 30 em 2001. Apesar da chuva de bombas, os orientadores do centro conseguiram acudir aos mais fracos de entre os fracos. A Irmã Samia explica: “Ensinamos-lhes um ofício, na

tentativa de os tornar o mais autónomos possível. Sem o apoio das organizações como a Fundação AIS ou a Obra do Oriente, estas crianças seriam abandonadas a si próprias. Porque as famílias não poderiam pagar a totalidade dos custos. As perspectivas económicas são sombrias. Muitas vezes oiço dizer que a situação hoje é pior que durante a guerra.”

Esta última frase chocante ouve-se muitas vezes nas ruas da Síria. A razão é-nos explicada pelo proprietário de um café, enquanto contempla a sua esplanada desesperadamente vazia: “Durante o cerco de Homs, tínhamos medo das bombas, mas podíamos trabalhar e viver. Agora, mesmo os que têm emprego não conseguem prover às necessidades das suas famílias.” As ruas outrora engarrafadas das grandes cidades da Síria estão vazias devido ao preço proibitivo da gasolina. Apesar da paz reencontrada no essencial da Síria fértil e povoada, o país afunda-se cada dia um pouco mais na crise económica.

Oração

Para que Igreja continue a semear a esperança no coração dos Sírios a fim de resistirem ao pessimismo e desalento, nós Te pedimos Senhor.



Em Aleppo,
ainda em
ruínas.

“PIOR QUE A GUERRA”

O Mons. Mario Zenari, Núncio Apostólico na Síria, afirma, após 13 anos passados em missão na Síria: *“Nos primeiros anos, via-se um país em franco desenvolvimento. De repente, havia automóveis por todos os lados nas ruas... mas tudo isso acabou. Neste momento, 12 milhões de sírios já não podem viver nas suas casas.”* Este número, colossal considerando os 22 milhões de habitantes antes da guerra, inclui os cinco milhões de refugiados no estrangeiro e de deslocados internos que não conseguem voltar para as suas casas. Muitos dependem de ajuda estrangeira para viver. Uma ajuda vital, insiste D. Zenari. *“As ONG são como torneiras no deserto! Cada torneira é um milagre, mas para reconstruir a Síria, precisamos de um rio!”* Aos seus olhos, o futuro dos Sírios depende de três capitais que deverão dar um passo em direcção umas das outras. Washington, Bruxelas e Damasco têm, cada uma, um papel importante para provar a sua boa vontade no levantamento das sanções económicas que estão a asfixiar o país. Em Damasco, as ruínas também continuam a estragar a paisagem da mais antiga capital do mundo. No meio do antigo bairro cristão, um jovem casal prepara-se para o casamento com decorações excessivas e fatos brilhantes, sob

os flashes permanentes de uma nuvem de fotógrafos. A igreja florida e os carros luxuosos não conseguem fazer esquecer que algumas ruas mais à frente a cidade continua mergulhada na escuridão.

Oração

Para que a comunidade internacional seja sensível à situação desastrosa da Síria e aja com consciência e solidariedade, nós Te pedimos Senhor.

ZANGADOS COM DEUS

Numa destas ruas sombrias, uma mãe sobrevive com os seus três filhos. O seu pequeno quarto tem um único móvel, a cama, sob o retrato de um jovem, o marido, assassinado pela Frente Al-Nusra no início da guerra. *“Eu estava zangada com Deus”*, confessa a jovem viúva. Ela não tem meios para poder deixar a Síria e sobrevive com a ajuda da sua comunidade cristã ortodoxa.

Mesmo os jovens que têm trabalho, encontram grandes dificuldades para sobreviver. A maioria partiu, a começar pelos mais novos e os mais qualificados. Em particular os homens, porque são obrigados a fazer o serviço militar até aos 38 anos. *“Não recusamos o serviço militar”*, diz um deles, *“mas não nos podemos alistar sem saber a data de saída.”* De facto,

A Sénevé, em Homs, oferece formação às crianças com deficiência.



devido à continuação do conflito sírio, os que são chamados e que teoricamente devem passar dois anos de uniforme, são obrigados a continuar a servir no exército árabe-sírio indefinidamente.

A alguns quilômetros a oeste da autoestrada que liga Damasco a Aleppo, os combates continuam na região de Idlib e a chegada a Aleppo confirma ao visitante a impressão de que a guerra continua. A cidade brilhante com o seu souk (mercado) mundialmente conhecido, vive na obscuridade e não reconstrói as suas ruínas. Avançando por um caminho aberto entre os escombros, os jovens contrastam pelo seu entusiasmo e generosidade com a tristeza da situação. Pertencem à comunidade arménia e percorrem a cidade para distribuir ajuda alimentar aos mais necessitados.

Oração

Para que a generosidade e a esperança dos jovens contagiem quem os rodeia a ajudar quem mais precisa, nós Te pedimos Senhor.

SERVIÇO MILITAR

Como estudantes, não podem ser chamados para o serviço militar, mas confiam que no futuro se arriscam a não poder continuar na Síria, sua terra natal. Como a maior parte dos Cristãos

sírios, beneficiaram de uma boa educação e estão destinados a empregos de prestígio, médicos, engenheiros, etc. Mas nada lhes garante que o seu país lhes venha a permitir seguir a carreira que desejam. Os estudantes, voluntários nas associações e catequistas, têm os dias bem preenchidos e demonstram o seu dinamismo. Trabalham à fraca luz de lâmpadas LED e alimentam-se de pão e queijo, os únicos alimentos acessíveis... isso não os assusta. Por outro lado, pensam nas suas futuras famílias e interrogam-se: *“Como é que os poderemos alimentar? Onde é que os nossos filhos poderão ir à escola?”*

“Do ponto de vista humano, não há esperança” constata a Irmã Françoise. Mas na boca desta carmelita que vive com sete irmãs em Aleppo, esta frase não põe fim à história da presença cristã na Síria. A guerra, apesar de todas as desgraças que provocou, foi ocasião para sinais da Providência. Quando, em 2014, o conflito estava ao rubro, as irmãs assistiram a uma estranha “aparição”. *“Era de noite quando um velho e grande tractor cheio de pessoas parou à porta do convento com grande ruído”*, recorda a Irmã Françoise. O condutor, que desceu do tractor, era um homem muçulmano que vinha pedir água. Fugiu do seu bairro com a mulher e os nove filhos. Perante a sua situação

Jovens voluntários cristãos vêm em ajuda dos habitantes desfavorecidos de Aleppo.



desesperada, as irmãs deram-lhes abrigo durante a noite. Ficaram durante seis anos. A situação de crise levou as irmãs a ajudar os mais desafortunados. Assim se aproximaram dos muçulmanos que demonstram, de acordo com o testemunho da irmã, um grande respeito pela sua vocação de religiosas contemplativas: “Eles compreendem o sentido da oração” explica. Ao ficar na cidade, apesar dos bombardeamentos, as quatro irmãs sírias e as três francesas ganharam o respeito dos seus vizinhos de todas as religiões. “Muitas vezes, um

dos nossos vizinhos pergunta-nos porque não partimos. Depois, praticamente na mesma frase, implora-nos: ‘Não partam!’ Somos testemunhas da solidariedade dos Cristãos pela Síria. Graças aos benfeitores que nos apoiam, e por quem rezamos todos os dias, testemunhamos perante os Sírios que não estão abandonados.”

Oração

Para que a esperança seja realmente a última a morrer e a caridade dê origem a milagres, nós Te pedimos Senhor.

DEMASIADOS EXÉRCITOS PARA UM PAÍS TÃO PEQUENO

“O nosso país é demasiado pequeno para tantos exércitos”, lamenta um padre residente em Hassaké, uma cidade tomada pelas forças de segurança curdas. “Temos o exército árabe-sírio, o exército turco, o exército russo, as forças especiais ocidentais e as forças curdas. Como poderemos ter paz nestas condições?” Esta hipermilitarização do nordeste da Síria explica-se, em particular, pela presença de campos de gás e petróleo, obrigando os habitantes a fugir do seu país, exasperados por sucessivos postos de controlo e estrangulados pela desastrosa situação económica.

MAALOULA, O BASTIÃO DOS CRISTÃOS

Nas montanhas com vista sobre Damasco, a pequena cidade de Maaloula representa um lugar de peregrinação para todos os Cristãos da Síria. Os habitantes orgulham-se de falar um aramaico parecido com o da antiguidade, semelhante ao que o próprio Jesus falava. Apesar da destruição não ter poupado a cidade, as igrejas foram reparadas e 60% dos habitantes cristãos regressaram. Uma proporção muito boa, em comparação com o resto da Síria.

SOLENIIDADE DO CORPO DE CRISTO

16 de Junho



Alma de Cristo

*Alma de Cristo, santificai-me.
Corpo de Cristo, salvai-me.
Sangue de Cristo, inebriai-me.
Água do lado de Cristo, lavai-me.
Paixão de Cristo, confortai-me.
Ó bom Jesus, ouvi-me.
Dentro das Vossas Chagas, escondi-me.
Não permitais que de Vós me separe.
Do espírito maligno, defendei-me.
Na hora da minha morte, chamai-me.
E mandai-me ir para Vós,
para que Vos louve com os Vossos Santos,
por todos os séculos. Âmen.*

O que é o Corpo de Deus?

É o nome que vulgarmente se dá à solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo, a qual é celebrada pela Igreja 60 dias depois da Páscoa, na quinta-feira que se segue à Solenidade da Santíssima Trindade. A sua celebração pretende sublinhar o significado e a importância do sacramento da Eucaristia para a vida cristã.

Quando e porque se instituiu esta solenidade?

Foi instituída pelo Papa Urbano IV, em 1264. Surgiu como resposta, por um lado às heresias que colocavam em causa a presença real de Cristo na Eucaristia e, por outro, ao movimento de devoção ao Santíssimo Sacramento que se tinha vindo a intensificar na prática dos fiéis. É de destacar a importância da Santa Juliana de Cornillon (também conhecida como Santa Juliana de Liège), cujas visões místicas apelavam a esta devoção e invocavam a instituição desta festa litúrgica. Esta solenidade foi recebendo várias denominações ao longo do tempo.

Porque se celebra o Corpo de Deus?

A comunidade cristã é convocada para, como corpo, reafirmar a sua fé no mistério que se celebra no sacramento da Eucaristia. A Eucaristia é a memória e a actualização do mistério pascal, ou seja, da morte e ressurreição de Jesus, que comunicando o amor que Deus é, concede a salvação a toda a humanidade. Nas palavras de Bento XVI, na Exortação Apostólica pós-sinodal Sacramentum caritatis, o mistério eucarístico “é a doação que Jesus Cristo faz de si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus por cada homem”. É a contemplação deste mistério que, neste dia em particular, pretende suscitar em toda a comunidade adoração, louvor e agradecimento por este dom de amor, que é a fonte e o centro de toda a vida cristã.



COMO A FLOR DA AMENDOEIRA

Para compreender e viver o amor não servem lindos discursos, mas simples **obras de misericórdia** - dar de comer a quem tem fome, visitar os doentes e presos - que não devem ser confundidas com a beneficência leiga, mesmo se meritória. Pois, **ao amor de Deus, que é ilimitado e se manifesta na pequenez e na ternura, responde-se mais com obras do que com palavras.** Eis a mensagem que o Papa Francisco relançou durante a Missa (...), **solenidade do Sagrado Coração de Jesus.**

“Podemos dizer que hoje a Igreja celebra a solenidade litúrgica do amor de Deus: hoje é **a festa do amor**” afirmou o Pontífice no início da homilia. “O apóstolo João - acrescentou - diz-nos ‘o que é o amor: não porque nós amámos a Deus mas porque Ele nos amou primeiro. Ele esperava-nos com amor. Ele é o primeiro a amar.’”E, acrescentou Francisco, “os profetas compreendiam isto e usaram o símbolo da flor de amendoeira: é a que floresce primeiro, na Primavera”. Também **Deus “é assim: é sempre o primeiro: é o primeiro a esperar-nos, a amar-nos, a ajudar-nos”.** E “o amor é isto, é o amor de Deus”.

A este propósito o Papa fez presente também que **“é difícil compreender o amor de Deus**: Paulo, no trecho da carta proposta hoje pela liturgia” (Ef 3, 8-12.14-19), fala de “anunciar às nações as riquezas impenetráveis de Cristo”. Em suma, “fala do mistério escondido desde há séculos em Deus: aquelas ‘riquezas impenetráveis’ de Deus”. Mas reconheceu o Pontífice, “não é fácil compreender isto: é uma coisa distante, misteriosa”.

Depois Paulo “reza a fim de que os cristãos sejam capazes de compreender qual é, e a este ponto cancela todos os limites, a amplitude, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Deus”. Em síntese, **o apóstolo “fala de Deus cancelando o limite: vai sempre além”**. Estamos diante de **“um amor que não se pode compreender”** reafirmou Francisco. **Porque o “amor de Cristo supera qualquer conhecimento, supera tudo: como é grande o amor de Deus”**. Ao ponto que, afirmou, “um poeta dizia que era como o “mar, sem margens, sem fundo”, um mar sem limites”.

É precisamente este o amor que nós devemos compreender, o amor que nós recebemos”, explicou o Papa. E é “esta a graça que Paulo pede: compreender e ‘anunciar às nações as impenetráveis riquezas de Cristo.’”

Por conseguinte, a questão de fundo, sugeriu o Pontífice, consiste em “como se pode compreender o amor” e também “como o Senhor nos revelou este amor”. Olhando para “a história da salvação, o Senhor foi um grande pedagogo, com a pedagogia do amor”. Referindo-se em particular ao excerto do profeta Oseias (11, 1.3-4.8-9) proposto pela liturgia, o Papa observou que “o Senhor explica como manifestou o seu amor: não com o poder, com o fazer sentir tudo”. Aliás, com a atitude contrária. “Ouçamos” as palavras do profeta, sugeriu Francisco: “Eu, entretanto, ensinava Efraim a andar, tomava-o nos meus braços, mas não compreenderam que eu cuidava deles”. Por conseguinte, Deus tomava o seu povo pela mão, próximo, como um pai”. Ou melhor, continua o texto de Deus: “Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor, e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas, e lhes dei mantimento - quanta ternura. O meu coração revolve-se dentro de mim, eu me comovo de dó e compaixão”.

O trecho de Oseias testemunha, afirmou o Pontífice, que **Deus não “manifesta o amor com coisas grandiosas: torna-se pequeno, pequenino, com estes gestos de ternura, de bondade”**. É um Deus que **“se faz pequenino, que se aproxima, e com esta proximidade, com esta pequenez, faz-nos compreender a grandeza do amor”**.

“O que é grande deve ser compreendido através do pequeno” insistiu o Papa, recordando também que Deus “vai além, envia o seu Filho, mas não o envia em majestade, em força, envia-o em carne pecadora: ‘o Filho humilhou-se a si mesmo, assumiu a forma de servo até à morte, à morte de cruz.’” Por isso, reafirmou Francisco, **“a grandeza maior tem que ser expressada na menor e mais dramática pequenez: este é o mistério do amor de Deus, deste amor que o Senhor nos ensina a demonstrar mais com as obras do que com as palavras”**.

É **“um amor total”** afirmou Francisco. E “o símbolo é o coração trespassado: assim podemos compreender também o percurso cristão”. Com efeito, explicou, “quando Jesus nos quer ensinar qual deve ser a atitude cristã diz-nos poucas coisas, mostra-nos aquele famoso protocolo sobre o qual todos nós seremos julgados: Mateus 25”.

E aquele protocolo evangélico, observou o Pontífice, “não diz ‘eu penso que Deus seja assim, entendi o amor de Deus.’” O excerto do Evangelho de Mateus, ao contrário, afirma: “Dentro das minhas possibilidades, pus em prática o amor de Deus: dei de comer ao faminto, dei de beber ao sedento, visitei o doente, o preso”. Porque, explicou o Papa, “são precisamente as obras de misericórdia o caminho de amor que Jesus nos ensina em continuidade com este amor de Deus, grande”. E foi “com este amor sem limites que ele se aniquilou, se humilhou em Jesus Cristo, e nós devemos exprimi-lo assim”. Por conseguinte, prosseguiu, **“o Senhor não nos pede grandes discursos sobre o amor; pede-nos que sejamos homens e mulheres com um amor grande ou pequeno, o mesmo, mas que saibamos fazer estas pequenas coisas por Jesus, pelo Pai”**.

Nesta perspectiva, acrescentou o Pontífice, “compreende-se a diferença entre uma obra de beneficência merecedora, leiga, e as obras de misericórdia que são a continuidade deste amor, que se faz pequeno, chega até nós, e nós o levamos por diante”.

“Hoje é a solenidade do amor de Deus - concluiu Francisco - e o amor de Deus, se o quisermos compreender, temos que o transmitir nas obras, nas pequenas obras de misericórdia: transmiti-lo assim, com simplicidade”. E “este será o anúncio daquele amor que não tem limites e por isso foi capaz de se expressar nas pequenas coisas”. Com os votos de “que **o Senhor nos faça entrar neste mistério do amor de Deus”**”.

*Papa Francisco, Meditação Matutina na Santa Missa celebrada na Capela de Santa Marta,
8 de Junho de 2018*

MÃE DE DEUS

BEAURAING, BÉLGICA (1932)

FESTA: 22 DE AGOSTO

"SEDE SEMPRE BONS.

REZAI SEMPRE"



Entre 29 de Novembro de 1932 e 3 de Janeiro de 1933, Nossa Senhora apareceu quase todos os dias, em 33 ocasiões, a cinco crianças na pequena povoação de Beauraing. Situada no sudeste da Bélgica, a 10 km da fronteira francesa, tinha 2000 habitantes na época das aparições.

Durante as aparições, as cinco crianças videntes foram submetidas, sob controlo médico, a experiências com luzes, calor e picadas para observar as suas reacções. Como exemplo, na última aparição, a meio do terço que estavam a rezar, pararam todos ao mesmo tempo ao começar uma Ave Maria e caíram juntas de joelhos, olhando para o mesmo ponto, com uma sincronização impossível de coordenar entre cinco pessoas. Noutra ocasião, apresentaram aos videntes, em separado e sem aviso prévio, 75 imagens de Nossa Senhora para que assinalassem a mais parecida à das aparições, e os cinco recusaram 73 delas, hesitando entre dois dos modelos. Dois anos depois da última aparição, mostraram-lhes, também em separado e de surpresa, 44 tonalidades de azul, para que escolhessem o tom do vestido de Nossa Senhora e elegeram unanimemente o mesmo tom.

Foram as primeiras aparições recolhidas pelos meios de comunicação desde os primeiros dias. À última aparição assistiram mais de 20 mil pessoas e no primeiro ano depois das aparições visitaram Beauraing mais de dois milhões de peregrinos.

Os videntes: André e Gilberte Degeimbre; Fernande, Gilberte e Albert Voison

A família Degeimbre estava a cargo da mãe, Germaine, que teve de criar as suas três filhas, depois da morte do seu marido, dois anos antes das aparições. Duas das videntes, André, de 14 anos, e Gilberte, de 9, eram as filhas mais novas. Jeanne, a filha mais velha, tinha 17 anos e nunca viu Nossa Senhora; movida pela inveja, atacou muito as suas irmãs e desprezou as aparições.

A família Voison tinha três filhos que foram os outros videntes: Fernande de 15 anos, Gilberte de 13 e Albert de 11. O pai era funcionário dos caminhos-de-ferro e também tinha uma loja na rua principal da povoação. Os Voison eram membros activos do Partido Socialista e tinham abandonado a prática da fé católica.

A mensagem de Beauraing

A primeira coisa que chama a atenção nestas aparições é a **simplicidade das palavras** que Nossa Senhora pronunciou aos videntes.

Das 33 ocasiões em que se manifestou em Beauraing, Nossa Senhora só falou em 19 aparições, dizendo:

- *“Eu sou a Virgem Imaculada”* (embora não o tenha pronunciado, acenou com a cabeça)
- *“Sede sempre bons”*
- *“Eu converterei os pecadores”*
- *“Sou a Mãe de Deus e a Rainha do Céu. Rezai sempre”*
- *“Amas o meu Filho? Amas-me? Sacrifica-te por mim”*

Nas 14 aparições restantes, Nossa Senhora permaneceu em silêncio rezando e escutando as orações pronunciadas pelas crianças. **Nossa Senhora apareceu unicamente para rezar e transmitir o ensinamento da importância da oração.** Se nos sacrificamos e rezamos, Nossa Senhora acaba por satisfazer os nossos pedidos.

Aprovação das aparições pela Igreja

Dado o mediatismo que tiveram estas aparições, o Vaticano decidiu obter do Bispo de Namur, diocese à qual Beauraing pertencia, o juízo sobre o carácter sobrenatural dos acontecimentos. Em 1935, o cardeal primaz da Bélgica foi nomeado responsável pelas investigações. A 25 de Março de 1942, o cardeal pronunciou-se, de acordo com o Santo Ofício de Roma, declarando que “as investigações levadas a cabo pelo Bispo de Namur não permitem retirar, de momento, nenhuma conclusão definitiva”. De qualquer modo, a 2 de Fevereiro de 1943, foi autorizado o culto a Nossa Senhora de Beauraing no local das aparições.

Finalmente, a 2 de Julho de 1949, o Bispo de Namur, com a autorização do cardeal primaz e do Santo Ofício, reconheceu o carácter sobrenatural das aparições com um decreto onde se manifestava: “A Rainha do Céu apareceu às crianças de Beauraing especialmente para nos manifestar, com o seu coração maternal, o seu insistente apelo à oração e a sua poderosa mediação para a conversão dos pecadores”. Como prova da sobrenaturalidade dos acontecimentos fez referência “ao carácter milagroso das curas obtidas graças à intercessão de Nossa Senhora de Beauraing”. Pela primeira vez na história das aparições, um bispo fazia referência aos milagres como base para o reconhecimento da sobrenaturalidade. Nesse mesmo ano, o Vaticano concedeu Ofício Divino e Missa própria à Igreja da Bélgica para a festa de Santa Maria Rainha.

Os cinco videntes casaram-se e tiveram filhos. Actualmente, só está viva Gilberte Degeimbre, que se pode ver muitas vezes rezando o terço no santuário.

Como símbolo da devoção a Nossa Senhora, conforme o seu pedido aos videntes, construiu-se uma igreja no lugar das aparições.

Desde o início, o santuário de Nossa Senhora em Beauraing converteu-se num foco de esperança cristã para os Belgas. Todos os anos o santuário é visitado por mais de 200 mil pessoas.

Adaptado de “As Aparições da Virgem Maria – Doutrina e História”, José Manuel Díez Quintanilla



CONTRABANDISTAS POR DEUS

Já nos anos 50, a **Fundação AIS** encontrou formas de levar para o Leste os ansiados livros religiosos necessários para a formação sacerdotal clandestina. Por vezes, surgia uma oportunidade favorável para o envio, como em 1956, logo após a revolta húngara. No entanto, muitas vezes, os livros eram passados clandestinamente para o Leste na bagagem pessoal de empresários, diplomatas ou marinheiros devotos dispostos a fazer sacrifícios. Era muito arriscado, tanto para o portador como para o receptor.

Homens e mulheres corajosos dactilografavam os livros proibidos com cópias de carbono, outros copiavam-nos e passavam-nos em segredo (foto à esquerda). Os autores deste empreendimento perigoso por vezes acabavam na prisão. Após a queda do comunismo, quando a posse de livros religiosos finalmente se tornou legal, a “fome” pela leitura religiosa era grande. Só em 1991, a **Fundação AIS** conseguiu levar cerca de cinco milhões de livros para os países do antigo Bloco de Leste.

Até hoje, o **apostolado através da escrita** tem desempenhado um papel importante no nosso trabalho. Na Bósnia e Herzegovina, por exemplo, a **Fundação AIS** apoia a publicação do “Catholic Weekly” (foto à direita), que foi fundado em 1922 e proibido pelos comunistas em 1945. Hoje é, mais uma vez, uma voz importante da Igreja Católica no país que pertencia à Jugoslávia.

Entretanto, o desafio que a Igreja na Bósnia enfrenta já não é o comunismo, mas a **islamização** crescente promovida pelos Estados árabes, bem como a necessidade de **reconciliação** entre os diferentes grupos étnicos do país, que ainda sofre as consequências da guerra civil dos anos 90.

Sete décadas de ateísmo na Europa de Leste e a perseguição religiosa no mundo não conseguiram erradicar a fé de milhões de homens e mulheres. Contudo, falta-lhes literatura religiosa e teológica que satisfaça as suas necessidades espirituais. Para responder a esta situação, a **Fundação AIS** continua a investir fortemente na distribuição de Bíblias, livros de oração, textos litúrgicos, jornais religiosos, catecismos e Bíblias para Crianças.

